

**SEMIÓTICA DISCURSIVA NA SALA DE AULA:
A IMAGEM DO BRASIL EM TEMPO DE PANDEMIA
EM UMA CAPA DA REVISTA *ISTOÉ***

*DISCURSIVE SEMIOTICS IN THE CLASSROOM: THE IMAGE OF
BRAZIL IN PANDEMIC TIME ON A COVER OF ISTOÉ MAGAZINE*

Tania Regina Montanha Toledo Scoparo
Secretaria Estadual de Educação NRE/SEED/PR e
Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP
taniascoparo@uol.com.br

Eliane Aparecida Miqueletti
Universidade Federal de Grande Dourados - UFGD
elianemiq@gmail.com

Desafiar o povo a ler criticamente o mundo é sempre uma prática incômoda para os que fundam o seu poder na “inocência” dos explorados.

Quem ajuíza o que faço é minha prática. Mas minha prática iluminada teoricamente (FREIRE, 2012, p.128).

Resumo: Apresentamos parte das reflexões que temos realizado em torno da semiótica, da leitura de textos sincréticos e do ensino. As ponderações teóricas e analíticas surgem dentro do contexto de implementação da Base Nacional Comum Curricular, documento articulado com mudanças nas políticas educacionais brasileiras. Neste artigo, realizamos a análise da capa da revista *ISTOÉ*, Edição 2628 de 22 de maio de 2020, que trata da situação do Brasil na pandemia da Covid-19. A mídia constitui-se em objeto cultural e enquanto tal traz para a visibilidade do público a disseminação de valores relacionados com o mundo e as realidades de seus leitores. Atualmente, entre as pautas midiáticas está a pandemia, ela se entranha cada vez mais nas nossas práticas cotidianas e nos faz pensar sobre os discursos ligados a ela que circulam socialmente. Nosso objetivo é, pelo viés da semiótica discursiva, destacar escolhas realizadas no nível discursivo do plano do conteúdo e algumas relações operadas com o plano da expressão que auxiliam na construção dos sentidos do texto em análise. Permeando o trabalho, destacaremos a importância da semiótica discursiva como aporte teórico-metodológico para a leitura de textos, como as capas de revistas, podendo servir também para encaminhamentos na educação básica.

Palavras-Chave: Semiótica discursiva. Pandemia. Capa de Revista. Ensino.

Abstract: We present part of the reflections we have carried out around semiotics, reading syncretic texts and teaching. Theoretical and analytical considerations arise within the context of the implementation of the National Common Curricular Base, a document

articulated with changes in Brazilian educational policies. In this article, we performed the analysis of the cover of *ISTOÉ* magazine, Issue 2628 of May 22, 2020, which deals with the situation in Brazil in the Covid-19 pandemic. The media is a cultural object and as such brings to the public's visibility the dissemination of values related to the world and the realities of its readers. Currently, among the media guidelines is the pandemic, it is increasingly embedded in our daily practices and makes us think about the speeches connected to it that circulate socially. Our objective is, through the discursive semiotics bias, to highlight choices made at the discursive level of the content plane and some relations operated with the expression plane that help in the construction of the meanings of the text under analysis. Permeating the work, we will highlight the importance of discursive semiotics as a theoretical and methodological contribution to the reading of texts, such as magazine covers, which can also be used for referrals in basic education.

Keywords: Discursive semiotics. Pandemic. Magazine cover. Teaching.

1. Considerações iniciais

Em 2020, experienciamos a propagação da Covid-19, ela impôs a cada país, a cada cultura, maneiras de viver com o menor risco de contágio possível. Cada governo construiu, de acordo com suas condições econômicas, posicionamentos políticos e ideológicos, formas de lidar com a pandemia. No Brasil, vivemos uma crise na saúde – acentuada pela pandemia da Covid-19 – aliada à crise política – intensificada pelo (não) gerenciamento dos problemas sanitários, via governo federal – e, conseqüentemente, à crise econômica.

Nesse contexto, a mídia, enquanto objeto cultural é uma das principais fontes de influência social, passa a pautar essas questões a partir de recortes que dão visibilidade à assuntos relacionados com o mundo e as realidades de seus leitores. A pandemia se entranha cada vez mais nas nossas práticas cotidianas e nos faz pensar sobre os discursos ligados a ela que circulam socialmente. Implicada nisso, está a imagem construída acerca do Brasil, dos brasileiros e de seus governantes responsabilizados ou não pela disseminação do vírus no país.

Observando esses discursos, selecionamos para a análise, realizada pelo viés da semiótica discursiva, a capa da revista *ISTOÉ*, Edição 2628 de 22 de maio de 2020, que trata da situação do Brasil na pandemia da Covid-19. A capa é analisada como um gênero discursivo que possui características de estilo, composição formal e temática relativamente estáveis (BAKTHIN, 2003). É um texto sincrético, do ponto de vista da semiótica francesa, e como tal constrói-se com as contribuições de mais de uma linguagem (a verbal e a não verbal) sob a mesma enunciação.

A escolha desse texto surgiu não só do nosso olhar para os discursos sobre a pandemia que têm circulado em diversos gêneros midiáticos e a forma como procuram colocar em cena a responsabilização pelas mortes no país, mas, também, da nossa preocupação, enquanto professoras e pesquisadoras das Letras que mantêm contato com a educação básica, com as “cobranças”, por parte dos gestores, sobre a necessidade do trabalho com gêneros discursivos que envolvam a articulação entre as linguagens,

sobretudo após a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ¹, na qual aparece o termo “semiótica”.

Por isso, fazemos um adendo no sentido de nos posicionarmos em relação à temática, ainda que o assunto mereça um artigo à parte. Na BNCC – documento de caráter normativo que define um conjunto de aprendizagens que os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica – a palavra “semiótica” está entre as práticas de linguagem que compõem um dos eixos integradores dos conteúdos do componente curricular Língua Portuguesa, o eixo “análise linguística/semiótica”, dentro do qual se orienta o trabalho que envolva a discursividade, a textualidade, a gramaticalidade e a multimodalidade: “a prática de AL/Semiótica envolve conhecimentos linguísticos – sobre o sistema de escrita, o sistema da língua e a norma-padrão –, textuais, discursivos e sobre os modos de organização e os elementos de outras semioses” (BRASIL, 2018, p. 71).

Nessa perspectiva, “semiótica”, ao que “parece”, é utilizada não para marcar uma teoria linguística, como a semiótica discursiva, mas como uma forma de reconhecer a importância de se considerar os recursos das várias linguagens² na produção dos sentidos aliada aos conceitos de semioses, de texto multimodal e multiletramento, esses dois últimos muito recorrentes ao longo do documento, principalmente no destaque dado aos gêneros digitais. Utilizamos a palavra “parece” para destacarmos a obscuridade em torno do uso do termo “semiótica” ocasionada pela falta de exposição teórica-conceitual da terminologia trazida para a BNCC, uso vago e genérico, como já apontado por estudiosos da linguagem em relação a outros conceitos, entre eles Faraco (2020).

Para além das questões de fundo envolvendo as orientações previstas em documentos oficiais para direcionar o que ensinar na escola (e que merece uma análise mais detalhada em outro momento para observar, por exemplo, os direcionamentos envolvendo os textos sincréticos), a formação docente - inicial e continuada - é um dos fatores para a melhoria da qualidade da educação. Entendemos que essa formação envolve investimentos de várias ordens implicadas na valorização profissional, mas em síntese é na figura do professor (a) que se centra a mediação do processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, nosso trabalho assenta-se na análise de uma capa de revista. Capas são textos sincréticos de ampla circulação, de fácil acesso e de pequena extensão, características que contribuem para a abordagem, em sala de aula, tendo em vista os vários contextos escolares

1. Sublinhamos que a BNCC foi promulgada em 2018, após um período de mais de dois anos de discussões envolvendo professores, gestores, especialistas educacionais e sociedade em geral. O documento, que passou por três versões, foi elaborado no contexto de uma série de mudanças no governo federal e, conseqüentemente, nas pessoas que encabeçavam os órgãos de discussões/decisões, mudanças que resultaram em alterações consideráveis entre a primeira e a última versão, alterações nem sempre amplamente debatidas.

2. Destacamos que muitas orientações presentes na BNCC, a abordagem das várias linguagens e os gêneros discursivos em sua variedade, por exemplo, já foram apontados em outros documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais. Seria singular verificar, por exemplo, como esses aspectos aparecem nos diferentes objetos do conhecimento (entendidos aqui como conteúdos).

desse país³. Destacaremos as escolhas realizadas no nível discursivo do plano do conteúdo e algumas relações operadas com o plano da expressão que auxiliam na construção dos sentidos. Mecanismos discursivos que revelam posicionamentos ideológicos. Permeando o trabalho, sublinharemos a importância da semiótica discursiva como aporte teórico-metodológico para a leitura de textos, como as capas de revistas, podendo servir também para encaminhamentos na educação básica, ou seja, auxiliando na formação de professores o que, conseqüentemente, favorecerá a transposição didática dessa leitura para os alunos.

No tópico a seguir, situando a perspectiva teórica deste trabalho, apresentaremos breves considerações sobre a semiótica discursiva, sistematizada por Algirdas Julius Greimas na década de 60 e em amplo desenvolvimento.

2. Considerações teóricas

A semiótica discursiva tem como seu principal objetivo mostrar como os sentidos vão se constituindo no texto, da imanência à aparência, dos elementos mais abstratos aos mais concretos e figurativos. O interesse é pela arquitetura do sentido. O princípio da imanência, fundamental aos estudos semióticos, insere o texto em si como objeto de análise, dessa forma o contexto é analisado no modo como se projeta no texto.

Partimos da noção de texto como uma totalidade significativa dotada de plano de conteúdo (discurso) e plano de expressão (manifestação do conteúdo a partir de uma ou mais linguagens de manifestação). É objeto de significação – possui uma organização para a construção do todo de sentido – e objeto de comunicação – é resultado da interação, do contexto sócio-histórico no qual está inserido. Apesar de ser necessário destacar que esse conceito tem sido revisitado e, diante dos novos desafios analíticos, os textos (objetos geradores de significação) integram construções de substâncias diversas (verbais, visuais, verbo-visuais, audiovisual, espacial), bem como as práticas, as formas de vida⁴.

O semioticista ocupa-se, portanto, de todos os objetos geradores de significação tendo em vista os procedimentos de textualização e de discursivização. Para a análise do plano de conteúdo, a teoria recorre ao constructo metodológico chamado “percurso gerativo de sentido” e, a partir dele, é possível verificar, em detalhes, o processo de construção dos sentidos nos mais variados textos. Em síntese, o percurso integra três níveis de geração de sentido (fundamental, narrativo e discursivo) e, em cada um deles é possível verificar o arranjo semântico e sintático do sentido.

3. Não é nossa intenção avaliar como vantajoso o trabalho com textos de pequena extensão em comparação aos de grande extensão, nossa avaliação leva em consideração os vários contextos sobretudo econômicos das escolas brasileiras, como está ficando mais evidente durante as tentativas de ensino remoto na pandemia. Muitas unidades escolares possuem poucos recursos para cópias ou projeção dos textos e os alunos não têm acesso à internet. Dessa forma, textos curtos facilitam, por exemplo, a impressão pela escola, pelo aluno ou, em muitos casos, pelo professor.

4. Para saber mais sobre uma proposta de reflexão sobre o conceito de texto, ler o artigo “Noção de texto na semiótica: do texto-absoluto ao texto-objeto”, Letícia Moraes. Estudos semióticos, vol. 16, n. 3 dezembro de 2020, p. 1-19. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/162157/165102>. Acesso em 17 maio de 2021.

No nível discursivo, etapa mais próxima da manifestação textual, verificamos as estratégias implicadas na manipulação para fazer-criar e fazer-fazer a partir de contratos pressupostos estabelecidos entre os sujeitos da enunciação – enunciador e enunciatário. Destacamos a importância de suas estruturas “[...] por serem o lugar, por excelência, de desvelamento da enunciação e de manifestação dos valores sobre os quais está assentado o texto” (BARROS, 2002, p.72).

Sua sintaxe implica as projeções da enunciação, sendo essa: “[...] uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas)” (GREIMAS; COURTÉS, s/d, p.145-146). O enunciado é produto da enunciação, dessa forma na análise verifica-se como os elementos da enunciação são acionados discursivamente. Essas projeções podem ocorrer, no enunciado, a partir da debragem, quando pessoa, tempo e espaço são projetados para fora da enunciação de forma enunciativa (eu-aqui-agora), produzindo efeito de aproximação, ou enunciva (ele-lá-então), efeito de objetividade. Ou, ainda, por embreagem, quando há um retorno para dentro da enunciação da pessoa, tempo e espaço, categorias que são neutralizadas.

Na semântica, analisa-se os valores disseminados em forma de percursos temáticos e seus investimentos figurativos. A tematização envolve os valores do mundo (temas, unidades semânticas abstratas), organizados em percursos. Já a figurativização diz respeito às figuras do conteúdo (semas concretos, com traços sensoriais), escolhidas para recobrir os temas. É assim que o sujeito da enunciação “[...] assegura, graças aos percursos temáticos e figurativos, a coerência semântica do discurso e cria, com a concretização figurativa do conteúdo, efeitos de sentido sobretudo de realidade” (BARROS, 2005, p. 68). Além da coerência do discurso e o efeito de realidade, a figurativização pode cumprir outras funções, entre elas está a determinação sócio-histórica e ideológica dos discursos, como explora Barros (2004).

Quanto a análise do plano da expressão dos textos, não há um modelo de análise geral, busca-se referenciais, de acordo com as necessidades apresentadas pelos textos analisados, de teóricos da comunicação, das artes plásticas, do cinema. Com o desenvolvimento da teoria, “[...] o plano da expressão passa a ser tomado como objeto de estudo quando uma categoria do significante se relaciona com uma categoria do significado, ou seja, quando há uma relação entre uma forma da expressão e uma forma do conteúdo” (PIETROFORTE, 2004, p. 8). Estudo que ainda tem se desenvolvido, com destaque na abordagem dos textos sincréticos, esses que articulam múltiplas semioses (ou múltiplas linguagens) e exibem diferentes modos/ recursos semióticos integrados para formar uma composição multimodal. Tem-se a superposição de linguagens numa totalidade significativa – efeito de unidade. É possível analisar a construção de sentidos nos modos de relação e integração de diferentes linguagens num mesmo plano de expressão, a exemplo dos textos filmicos, das peças teatrais, das capas de revista.

Floch (1985, p.218) explica que “as semióticas sincréticas constituem seu plano de expressão – e mais precisamente a substância do seu plano de expressão – com elementos que dependem de várias semióticas heterogêneas”, gerando um único efeito de sentido. Como, também, afirma Fiorin (2009, p. 37) “Nas semióticas sincréticas, o sincretismo não é somente do conteúdo, mas é também da forma na expressão [...] Ao superporem-se as

diferentes formas, tem-se que tomar traços comuns a todas elas”. Para esse autor, o que se tem de fato é uma enunciação sincrética, ou seja, “uma estratégia global de comunicação, que se vale de diferentes substâncias para manifestar, na textualização, um conteúdo e uma forma da expressão” (p.38), por isso o autor opta pelo uso do termo texto sincrético.

Teixeira (2009, p. 47) designa como sincrético “[...] um objeto, que acionando várias linguagens de manifestação, está submetido, como texto, a uma enunciação única que confere unidade à variação”. Sobre isso, Discini (2005, p. 57) afirma: “no plano de conteúdo estão as vozes em diálogo, está o discurso. No plano da expressão está a manifestação do sentido imanente, feita por meio da linguagem sincrética, que integra o visual e o verbal sob uma única enunciação”. Nesse sentido, em um texto sincrético, o enunciador para comunicar algo e ou persuadir/manipular o enunciatário, organizará seu texto de forma que as linguagens utilizadas – verbais, não verbais, verbo-visuais ou verbo-viso-sonoras – se articulem e se combinem para formar um todo significativo.

Além das ponderações apresentadas, almejando a análise do texto sincrético verbo-visual “capa de revista”, retomamos o que nos apresenta Teixeira (2009). A pesquisadora destaca que é preciso partir da análise do plano de conteúdo para depois observar as correspondências no plano de expressão. De toda forma, enfatiza que o que importa é o efeito do todo de sentido “[...] a investigação pode examinar a qualidade própria de cada unidade ou grandeza, mas deve analisar, fundamentalmente, a estratégia enunciativa que sincretiza as linguagens numa unidade formal de sentido” (TEIXEIRA, 2009, p.58).

A semioticista, tendo por base os trabalhos de Floch sobre as categorias plásticas do plano da expressão, propõe uma metodologia para a análise de textos sincréticos que nos permite considerar: a) os mecanismos de articulação entre plano do conteúdo e plano da expressão; b) a dimensão plástica da expressão, explorando as figuras e os temas manifestados nos textos verbo-visuais, as categorias topológicas, eidéticas e cromáticas do plano de expressão plástica, examinando a disposição espacial, as retas/ linhas e as cores do texto, respectivamente; c) as formas de incidência das categorias tensivas no percurso, para imprimir ritmo ao texto; d) a estratégia enunciativa que organiza todos os elementos e estabelece as formas de interação entre enunciador e enunciatário. Neste trabalho, elencamos alguns desses componentes para análise das capas de revista, conforme demonstraremos na continuidade do artigo. Elementos que se articulam formando uma unidade significativa e se manifestam estrategicamente em uma enunciação sincrética.

Neste tópico, pontuamos algumas proposições teóricas que têm servido de base para nossas investigações, outras referências serão inseridas no desenvolvimento da análise. Destacamos que a semiótica discursiva é uma teoria em amplo desenvolvimento e tem ampliado seu alcance analítico para os mais diferentes objetos de sentido, o que tem exigido inclusive o revisitar dos conceitos diante dos novos desafios impostos aos semioticistas. Além disso, há por parte de pesquisadores a preocupação em pensar também as contribuições da semiótica para o ensino. José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros, dois principais precursores da semiótica no Brasil, manifestam essa questão em seus trabalhos e outros semioticistas têm seguido no esforço de mostrar a importância da aproximação da teoria e a prática, entre outros, destacamos as pesquisadoras: Loredana Limoli, Lucia Teixeira, Luiza Helena Oliveira da Silva e Eliane Soares de Lima.

Lima (2019; 2021) têm dedicado estudos no sentido de refletir sobre a possível e necessária articulação entre semiótica e ensino diante das atuais demandas de ensino-aprendizagem e da fragilidade na formação dos professores, ainda com dificuldades na relação entre teoria e prática. Conforme defende a pesquisadora:

[...] enquanto proposta teórico-metodológica que a Semiótica discursiva mais tem a contribuir com uma formação robusta de professores de língua materna, oferecendo condições concretas de passagem do discurso do saber a ensinar à prática do saber ensinado. De um lado, por permitir ao docente conhecer os objetos de ensino (as práticas de linguagem e os gêneros discursivos que as fundam) de maneira aprofundada e consistente, em suas especificidades discursivo-textuais e enunciativas; de outro, por ajudá-lo a saber a melhor forma de explorá-los, descrevê-los, quaisquer que sejam (LIMA, 2021, p.30).

É nessa perspectiva que nos colocamos, como professoras e pesquisadoras que temos pensado as análises semióticas também para atender necessidades da escola. Apresentaremos uma proposta de análise de capa de revista com atenção para escolhas realizadas no nível discursivo, do plano do conteúdo, e algumas relações operadas com o plano da expressão. Na medida do possível, faremos comentários indicando possíveis abordagens na sala de aula de educação básica.

3. Considerações analíticas e possíveis práticas para a sala de aula

Estratégias enunciativas

Para difundir informações e valores, a mídia tem investido, cada vez mais, nos arranjos composicionais de seus textos, sejam eles visuais, verbais, verbo-viso-sonoras, entre tantos outros recursos. Há um jogo entre as escolhas desses recursos formando uma unidade de relações entre eles. E a capa de revista é um dos gêneros nos quais verificamos esse trabalho, ela é a “vitrine” da revista e, como tal, representa a interface entre esta e o leitor: expõe as notícias de destaque e direciona interpretações, atrai a atenção do público leitor para que seja lida, ajuda a construir a imagem conceitual do enunciador e do enunciatário.

É possível, por exemplo, inclusive na sala de aula da educação básica, pela análise de uma sequência de capas de uma revista, ou em comparação com outra (s), ao longo de determinado período histórico social no qual um assunto está sendo divulgado, verificar como os textos dessas publicações foram elaboradas pelos enunciadores, como podem construir a compreensão de alguns episódios nacionais e, conseqüentemente, qual a imagem que se deixa apreender desse enunciador e do seu enunciatário, o “*ethos*”, temática bastante trabalhada por semioticistas como Norma Discini e José Luiz Fiorin.

Na elaboração dos textos nas capas de revistas (trabalho que também pode ser ampliado analisando as reportagens correspondentes) há traços recorrentes que marcam, nos textos, a individualidade/identidade de cada enunciador e manifestam a imagem desse sujeito, retomada pelos efeitos de sentido provenientes por esses traços. Importante ressaltar que para a semiótica francesa não importa o sujeito real, de carne e osso, mas sim

a imagem construída pelo sujeito da linguagem, como efeito do discurso, implícita no texto. Isso se aplica tanto ao enunciador quanto ao enunciatário, seja no enunciado enunciado (não há marcas de enunciação), ou na enunciação enunciada (há marcas identificáveis no texto, as quais se reportam à instância de enunciação). Assim explica Fiorin em relação ao enunciador e ao enunciatário:

Esses actantes são o autor e o leitor implícitos, seres de papel e não seres do mundo. O enunciatário, como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso. O enunciador produz o texto para uma imagem de leitor, que determina as diferentes escolhas enunciativas, conscientes ou inconscientes, presentes no enunciado. Ao colocar o enunciatário como uma das instâncias do sujeito da enunciação, Greimas quer ressaltar seu papel de coenunciador. Com efeito, a imagem do enunciatário constitui uma das coerções discursivas a que obedece o enunciador. Por isso, como dizem Greimas e Courtés (1979, p.125), o termo “sujeito da enunciação”, empregado frequentemente como sinônimo de enunciador, recobre de fato as duas posições actanciais, a do enunciador e a do enunciatário (FIORIN, 2020, p. 126).

Ainda conforme Fiorin (2020, p. 126), eu e tu são actantes da enunciação, quando concretizados no texto, tornam-se atores da enunciação, “O ator é uma concretização temático-figurativa do actante”, e este, uma imagem produzida pelo discurso. Assim posto, o enunciador é uma imagem construída pelo texto, uma forma de idealização do ser que engendrou o discurso.

Neste trabalho, apresentamos a proposta de análise de uma capa de revista e, em certa medida, será possível verificar a almejada relação entre enunciador e enunciatário, em torno da construção de uma verdade, trabalho que pode ser ampliado, como indicamos no segundo parágrafo deste tópico. A publicação dos episódios forma um simulacro da realidade, a partir de estratégias persuasivas com a intenção de convencer, de fazer-criar, os enunciatários a determinadas opiniões e crenças, a mexer com atitudes. A comunicação para a semiótica discursiva é uma maneira de significar, diferente das teorias que se apoiam essencialmente no fato informativo. Conforme Greimas (s/d, p. 66-69), a comunicação consiste num fazer informativo, num fazer persuasivo e num fazer interpretativo.

Iniciaremos nossa análise pelas estratégias enunciativas mobilizadas na capa da revista ISTOÉ, Edição 2628 de 22 maio 2020. Segue a capa:



Figura 01 - Capa IstoÉ 22/05/2020; Fonte: Revista ISTOÉ, 22 de mai. 2020

Lembramos que a enunciação é entendida pela semiótica discursiva como o ato de realização do enunciado. Fiorin (2008) explica que a enunciação é a instância do *ego-hic-nunc*, ou seja, eu-aqui-agora. Esses três elementos caracterizam as categorias da enunciação e são chamados de dêiticos, pois indicam as pessoas, o tempo e o espaço da situação de enunciação, como já explicitado anteriormente.

No texto da *ISTOÉ*, há a projeção pressuposta de uma pessoa “eu”, que afirma: “ISTOÉ Brasil (símbolo da “bandeira nacional”), que país é este?”. A debreagem que instaura um “eu” é enunciativa. Esse enunciador dirige-se a um enunciatário, que ocupa a posição de *tu*, leitores das revistas, e simula um processo de comunicação no interior do enunciado, já que constrói a relação *eu-tu*, que é própria da enunciação. Decorre, assim, um efeito de presentificação, pela manifestação do *agora* e do *aqui*: temos verbos no presente do indicativo (“desobedecem”, “sabota”, “propaga”), tempo que delimita o discurso, o que é do momento da ação, no presente; e no espaço do aqui, país dos leitores, nosso país, “Brasil”, durante a pandemia de 2020.

Ainda que tenhamos um “ele” instaurado em “brasileiros desobedecem ao isolamento”, temos um enunciador questionador “Que país é esse?”. O que aproxima o enunciatário da cena enunciada, reforçado pela imagem da bandeira nacional (em preto e branco) em pranto. Ou seja, temos um “nós” implícito (nós brasileiros), enunciativo. Na sequência, ao trazer uma série de ações ligadas ao presidente da república, podemos ler que é ele – o representante da nação, quem primeiro deveria ser exemplo – quem “sabota a quarentena”. A debreagem enunciativa põe em cena, assim, um “nós” implícito ao “ele” instaurado (brasileiros, Bolsonaro, Brasil). Um “nós” pressuposto e não marcado, como um interlocutor implícito: nós “os brasileiros” desobedecemos ao isolamento.

As formas verbais já destacadas, nos fragmentos, estão no presente e configuram a debreagem enunciativa, intensificam a presença do “eu” no texto. O enunciador usa de elementos linguísticos, os dêiticos temporais verbais para produzir o efeito de sentido pretendido, ou seja, convencer os leitores/enunciatários com a postura por ele defendida.

Na enunciação, o efeito de sentido produzido pelo enunciador do texto foi de subjetividade. De maneira geral, verificamos que as marcas de actorialidade, espacialidade e temporalidade também delimitam a credibilidade do sujeito em seu fazer persuasivo, as quais estão demarcadas no conteúdo da enunciação. Enfim, pela manifestação de um “eu”, por um tempo presente e por um espaço aqui, produziu-se uma leitura compreensiva do sentido do texto. Esses elementos, portanto, definem a instância da enunciação.

Essas articulações exercidas pelo enunciador são responsáveis pela coesão do composto enunciativo, fabricando o efeito de sentido de realidade e de ilusão referencial. Esses efeitos possibilitam estabelecer o contrato veridictório (entendimento subentendido) entre enunciador e enunciatário, nivelando o “fazer-creer” de um e o “creer verdadeiro” de outro, conforme explana Bertrand (2003, p. 99), citando Greimas (1983)⁵.

O enunciador da capa procura fazer com que seu destinatário-leitor creia na realidade dos fatos contados, por meio do estabelecimento de um contrato de veridicção. O enunciatário, ao crer na “realidade” dos fatos, está colaborando com o enunciador na construção de sentidos que despertem a sensibilidade para os problemas do país, e ao mesmo tempo, repugnância às atitudes do presidente da república, ele que “sabota a quarentena”, “propaga medicamentos ineficazes e perigosos”, “deixa a saúde à deriva”, em decorrência de “ações irresponsáveis”, leva o país a perder “a credibilidade internacional”, a rumar para o “epicentro da pandemia”. O enunciador, ao expor as ações do governo, anuncia “o tombo na economia”, “uma tragédia anunciada”.

No mundo manifestado, a leitura é o olhar efetivo na busca da significação para melhor compreender a si e ao mundo. Dessa forma, o professor pode levar os alunos a perceber os procedimentos enunciativos da construção de sentido dessa capa e compreender que o leitor/enunciatário, não tem uma imagem de atuação passiva, pelo contrário, ele possui um papel ativo e faz parte do desenvolvimento produtivo do texto. Temática que pode ser intensificada nas aulas de Língua Portuguesa ao tratar das questões linguísticas concernentes aos pronomes, aos advérbios, aos tempos verbais nos mais variados textos, além de estar presente no cerne de todas formas de comunicação.

4. Estratégia enunciativa por meio de temas e figuras

Análise do plano do conteúdo

Os temas e as figuras compõem a semântica do nível discursivo a partir da qual verifica-se de forma mais evidente as determinações sócio-históricas e ideológicas. Lembrando que os temas são conteúdos semânticos abstratos e as figuras, investimento semântico-sensorial dos temas. É preciso, assim, descobrir o tema subjacente às figuras, pois essas direcionam as “[...] nossas experiências perceptivas mais concretas”. A figuratividade

5. Greimas, A. J. *Du sens II. Essais sémiotiques*. Paris: Seuil, 1983, p. 105, apud Bertrand, 2003, p. 99.

permite, assim, localizar no discurso este efeito de sentido particular que consiste em tornar sensível a realidade sensível” (BERTRAND, 2003, p. 154).

Dessa forma, no conteúdo verbal, destacamos as seguintes figuras: país, Brasil, vírus, tragédia, medicamentos; e no conteúdo visual: bandeira (em preto e branco) e a imagem da lágrima, que remete a um olho/bandeira que chora. Na leitura dessa capa, encontramos os temas subjacentes que dão significados a essas figuras, as quais são encadeadas umas às outras e esse “encadeamento de figuras, a essa rede relacional reserva-se o nome de *percurso figurativo*” (FIORIN, 1999, p. 70). O percurso figurativo do texto remete ao tema da nação, da pandemia, da morte e da saúde.

A figurativização além de participar, com os temas, da coerência do discurso, indicando o direcionamento da leitura do assunto em pauta, concretiza e da sensorialidade aos temas. A inserção da “bandeira que chora” sensibiliza o enunciatório a refletir e a crer no que é apresentado, ou seja, o país está luto.

Cabe, ainda, posicionar a capa dentro do “contexto” de diálogo com outro texto que direciona para uma leitura contestatória das temáticas que permeiam a capa. Contexto entendido pela semiótica discursiva como “um texto maior, no interior de que cada texto se integra e cobra sentido” (BARROS, 2005, p. 83). Esse diálogo pode ocorrer no nível dos conteúdos discursivos, temas e figuras, quando ocorre o interdiscurso, e no nível propriamente textual, a intertextualidade, dentro do qual também estão “as aproximações entre planos da expressão”, como explica Barros (2009, p.355): “Os sentidos de um texto dependem sempre das relações, dos dois tipos apontados, que os textos mantêm com outros textos, com os quais concordam ou de que discordam. Em última instância, um texto dialoga com todos os outros textos em tempos e espaços diferentes”.

Na composição da capa, podemos ler a frase: “Isto é (Brasil), que país é esse?, que, além das figuras que a compõem, remete à intertextualidade com a música “Que país é este?”, composta por Renato Russo, do grupo Legião Urbana, em 1978. A letra da música é questionadora e tece uma severa crítica social, é percebida como contestação e repulso ao sistema político do país, como podemos observar, entre muitos outros, nesse fragmento da letra: “Que país é esse?/ Terceiro mundo se for/ Piada no exterior?”. Percebemos aqui, também, um interdiscurso com a capa da revista, principalmente, quando o enunciador diz “O Brasil [...] perde a credibilidade internacional”.

Nesses termos, no diálogo com a música verificamos o indício de estratégias discursivas com a finalidade de convencer o enunciatório. Quem conhece a música, sabe que ela foi composta na época da ditadura, quando restrição à liberdade, repressão e censura eram constantes e comuns. Parece-nos que ao fazer essa relação, o enunciador não está somente indicando uma crítica ao governo, mas um alerta aos enunciadores. O alerta ao “vírus em progresso”, lida na ilustração da bandeira presente na capa, parece-nos que não se refere somente à pandemia. Pelo que observamos no discurso contestador do enunciador, há um outro tipo de alerta: um alerta às “ações irresponsáveis” do governo, que podem levar o país a um desmando governamental, assim como fazia Renato Russo em sua música. Nesse sentido, as marcas de contestação e intolerância nos textos da capa e da letra da música reforçam relações interdiscursivas, além das intertextuais. É notório que nos dois textos há contestação, a qual anuncia as relações aos propósitos sócio-históricos e, por conseguinte,

com a ideologia dos enunciadores. O sócio-histórico se explica, principalmente, em razão de, apesar de épocas diferentes, se assemelhar a situações governamentais recorrentes ao longo da história política do Brasil.

Destacamos que por conta da extensão do trabalho, não aprofundaremos aqui os conceitos de intertextualidade e interdiscursividade, mas são questões que podem ser recuperadas em um trabalho na sala de aula, inclusive retomando a letra da música e comparando os contextos sócio-histórico e políticos da capa e da música.

Enfim, no conteúdo verbal e visual, há a concretização de um discurso contestador, contra o governo atual. O Brasil e os brasileiros estão presenciando os desmandos desse governo e o enunciador está fazendo um alerta: estamos de luto por um país que está mal na saúde, na política e na economia. Percebemos que no discurso do enunciador não há neutralidade do sujeito, isenção perante o que diz, manifesta a parcialidade que está implícita no ato do discurso da comunicação midiática. Na seleção discursiva, o efeito de sentido de verdade incide o enunciatário a uma consternação sobre os “fatos” expostos.

Análise do plano da expressão

O arranjo entre as diferentes linguagens demanda modos particulares de leitura e produção de sentido, exigindo do leitor uma cooperação ativa, pois pode exigir conhecimentos específicos sobre as linguagens envolvidas. Na articulação entre palavra e imagem, aciona-se o crivo poder-saber para fazer-querer-ler na atribuição de significados, manifestando, possivelmente, um leitor atento às combinações sincréticas do texto. Eis mais um dos importantes momentos de mediação do professor na condução da leitura do plano da expressão para a construção da significação dos textos por parte dos alunos.

Observando as categorias plásticas do plano da expressão, quanto à configuração topológica, a bandeira nacional está centralizada e envolta por elementos verbais. O espaço conferido aos elementos tipográficos admite que a imagem da bandeira não ocupe toda a capa da revista, mas parcialmente, apesar disso o foco principal centra-se nela. Na parte superior da revista, ela divide a atenção com mais três imagens menores, que compõem outras chamadas para reportagens no interior da publicação. Desloca-se levemente o foco da imagem principal, da bandeira, com o texto verbal e as outras imagens. O título da publicação abaixo das três chamadas, centralizado, em caixa alta e em tamanho e traços fortes, com bastante destaque. Enfim, pela categoria topológica, apesar de a bandeira dividir espaço com outros elementos, há destaque evidente a ela, principalmente pela mudança da cor em relação à bandeira nacional original, pela lágrima, que sai de seu centro, e pelo conteúdo verbal dentro do círculo que compõe a bandeira⁶.

6. Utilizamos como base de análise a construção da bandeira e a notícia principal da capa, no entanto, não há como negar que as chamadas no espaço superior da revista também remetem à temática que estamos analisando e corroboram com o todo de sentido que compõe o gênero capa de revista. Os três títulos e os resumos das reportagens que também estão no interior da revista elegem figuras que concretizam a temática da pandemia/morte e saúde: “Indígenas dizimados”, “Só a ciência salva” e “A aviação vai mudar”. Nessas manchetes, o enunciador apoiado no quer comunicar e manipular ratifica aos enunciatários/leitores seu posicionamento, organizando seu texto de forma que todo texto verbal inserido e todas as imagens visuais (índio com máscara, luva e seringa, aeromoça com máscara) se articulem para gerar um todo significativo.

Pela composição cromática, a bandeira ilustrada está em preto e branco, sobre um fundo azul, que cobre quase toda a capa, num contraste evidente entre claro e escuro; a cor amarela aparece nas letras pequenas que compõem o conteúdo verbal, contrastando com o preto do círculo, onde se lê “vírus em progresso”, em alusão à “ordem e progresso” da bandeira nacional. As cores preto e branco da bandeira provocam um efeito de acromatismo. O amarelo aparece também no elemento tipográfico na frase “Brasileiros desobedecem ao isolamento”. A cor branca compõe o losango da bandeira, a frase que vem logo abaixo da imagem da bandeira, o texto verbal, na parte inferior da revista, e recobre o fundo das chamadas que estão na parte superior, cujos títulos estão em azul e os textos, que os representam, em preto. O nome da revista está em cinza.

Por último, no componente eidético, percebemos, na bandeira, as linhas retas e curvas que dão forma à ilustração, o enquadramento centralizado produz equilíbrio pelo limite entre o entorno mais amplo, destacando-a. Ela é posta na capa de modo planar, levemente inclinada, como se estivesse em um mastro.

O plano da expressão de capas de revista ganha uma importância por ser o materializador das substâncias atinentes desse suporte, entendidas como manifestações, que se aglutinam para o surgimento de significações que corroboram o plano do conteúdo. Na imagem, vemos que a categoria cromática se estabelece pelo contraste entre claro e escuro, as cores que compõem a capa não têm função de colorir, longe disso, a centralidade é marcada pela cor escura, criando uma tonalidade sombria. Assim a categoria cromática /claro/ x /escuro/ homologa-se ao plano do conteúdo /vida-saúde/ x /morte-pandemia/.

Há um efeito de ambiguidade criado pela contraposição das cores que compõem a bandeira nacional. Trata-se de uma metáfora visual (os enunciadores dos textos romperam com os traços figurativos da bandeira –preto e branco ao invés de verde, amarelo, azul e branco -, produzindo novos sentidos; na leitura de uma interpôs-se uma outra, criando uma metáfora). Reforçado pela presença da lágrima, o Brasil/brasileiro chora. A bandeira remete à figura de um olho. Que país é este que vemos? Ele está de luto, inegavelmente.

O enunciador de ISTOÉ convoca um enunciatário engajado para os “fatos” narrados, manipula-o oferecendo um poder e um saber que o faz compactuar com o discurso e com os valores da contestação, perceber que a composição da capa demarca um luto que poderia ser evitado e que a imagem de imparcialidade da revista é apenas aparente. Entrevê-se, assim, um jogo entre enunciador e enunciatário, cujo resultado é a comunicação bem sucedida entre eles. O enunciatário munido desse saber não será manipulado pelas ações do governo e, sensibilizado, o contestará.

Nesse viés, na capa de ISTOÉ, a forma como a bandeira foi ilustrada na capa pelo enunciador, utilizando as cores da bandeira nacional distribuídas ao longo da página, de forma sombria e acromática, obscureceu a nação do seu verde, amarelo, azul e branco, tão colorido e vibrante. A cor negra, de luto pelas mortes ocorridas, deixou a nação na centralidade da capa e chamou a atenção de leitores, cuja perda de alguém se faz presente no cotidiano. O desalento cria um vínculo de comunicação entre o enunciado e o leitor/enunciatário, pois este se depara com a dor, que é sentimento comumente encontrado na pandemia. O enunciatário/leitor sensibilizado se sente atraído pela “verdade” encontrada ali.

Como procuramos mostrar, em uma breve análise que utilizou aspectos do arcabouço teórico-metodológico da semiótica discursiva, ela possui potencial de análise do sincrético, requisito básico para o tratamento de textos multimodais, escapando ao tratamento puramente icônico e analógico da imagem, como atestam Greimas e Courtés (s/d, p. 336): “A semiótica planar – que trata da fotografia, do cartaz, do quadro, da história em quadrinhos, da planta de arquiteto, da escrita caligráfica, etc. – tenta estabelecer categorias visuais específicas do nível da expressão, antes de considerar sua relação com a forma do conteúdo”.

5. Considerações finais

Como defende nosso patrono da educação brasileira, Paulo Freire, em diversas obras, entre elas, “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” (1996), a ação docente é a base da formação escolar. Nesse sentido, pensar em propostas teóricas e metodológicas para a leitura crítica dos textos e que auxiliem na formação dos professores, é pensar na formação também de seus alunos para uma sociedade mais justa.

O conhecimento sobre os discursos ajuda a repensar a sociedade e o ensino. A análise da capa apresentada neste trabalho revelou como a escolha e a articulação entre elementos do nível discursivo, do plano do conteúdo, e do plano da expressão auxiliam na construção de determinados sentidos. É indispensável mostrar as especificidades das organizações discursivas para os alunos e a semiótica discursiva pode auxiliar nesse processo, pois é uma teoria que: possui modelo de análise para qualquer texto; possibilita análise sistemática da dimensão retórica, dos processos de significação, dos efeitos de sentidos criados, da manipulação discursiva; ao entender a estruturação textual, entende-se o trabalho com as linguagens.

Apesar do reconhecimento de sua importância, ainda falta investimento numa semiótica aplicada à educação básica. É preciso torná-la mais pedagógica para a leitura de textos na escola. Não defendemos que ela sirva, com todo o seu arcabouço para os alunos aprenderem a ler, mas ela pode servir aos educadores e esses, a partir de uma sólida formação sobre leitura, auxiliarão seus alunos na leitura dos textos. Como afirma Fiorin (2005, p.9), ao tratar da forma como a interpretação de texto é trabalhada na escola, “Não basta recomendar que o aluno leia atentamente o texto muitas vezes, é preciso mostrar o que se deve observar nele. A sensibilidade não é um dom inato, mas algo que se cultiva nele”.

A disciplina Língua Portuguesa, assim como todas as outras, faz parte da educação e, como tal, sofre influência das determinações institucionais que recaem sobre a escola, mas, também, deve estar ligada à objetivos educacionais escolares, entre eles, o de contribuir para o desenvolvimento social dos alunos para além do senso comum. Isso envolve a ampliação da capacidade de interpretação da realidade, inclusive para agir sobre ela. Nesse contexto está a leitura/interpretação crítica dos textos que circulam socialmente, com destaque, neste trabalho, para discursos midiáticos que abordam a temática da Pandemia da Covid-19.

É preciso ver o ensino de língua portuguesa a partir de uma perspectiva de formação do cidadão crítico. Ao longo das análises, procuramos indicar possibilidades de articulação entre os conhecimentos adquiridos pelo aporte teórico e metodológico da semiótica discursiva e a prática na sala de aula de educação básica. Não direcionamos momentos específicos

para isso, isto é, no trabalho com a leitura, escrita ou análise linguística, pois entendemos que ele pode ocorrer perpassando todos os conteúdos abordados na disciplina. Como já destacamos anteriormente, ao entender a estruturação textual, entende-se o trabalho com as linguagens, entende-se a dinâmica da comunicação e caberá ao professor essa articulação, dentro das realidades nas quais ele atua.

6. Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Publicidade e Figurativização. **Alfa**, São Paulo, 47 (2), 2004, p.11-31. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4294>. Acesso em: 01 jan. 2019.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3 ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Uma reflexão semiótica sobre a “exterioridade” discursiva. **Alfa**, São Paulo, 53 (2), 2009, p. 351-364. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2120/1738>. Acesso em 10 mai. 2021.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. São Paulo: EDUSC, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (versão final homologada). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018.

DISCINI, Norma. **Comunicação nos textos: leitura, produção, exercícios**. São Paulo: Contexto, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. **Bakhtin tem algo a dizer ao ensino de português?** Webinar ProfLetras UNESP. Youtube, 20 nov. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9_JfmI_085Y. Acesso em: 01 jan.2021.

FIORIN, José Luiz. Duas concepções de enunciação. **Estudos Semióticos** [on-line]. Volume 16, número 1. Dossiê temático “Semiótica e Psicanálise”. São Paulo, julho de 2020, p. 122 - 137. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/172329/161978>. Acesso em: 29 04/2021.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. Para uma definição das linguagens sincréticas. In: TEIXEIRA, Lucia. **Linguagem na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Edição da Letras e Cores, 2009.

FLOCH, Jean Marie. Quelques concepts fondamentaux em sémiotique générale. Annexe. In: FLOCH, Jean Marie. **Petites mythologies de l'oeillet de l'esprit**: pour une sémiotique plastique. Paris; Amsterdam: Hadès-Benjamins, 1985, p.189-207.

FREIIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, PAULO. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 23.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et.al. São Paulo: Cultrix, s.d.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LIMA, Eliane Soares de. (Multi)letramentos na escola: proposições da semiótica discursiva à ação didática. **Revista do GEL**, v. 16, n. 3, p. 165-190, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.org.br>. Acesso em: 12 dez. 2020.

LIMA, Eliane Soares de. Semiótica discursiva e Educação básica: um diálogo possível e necessário. **Estudos Semióticos** [online]. Volume 17, número 1. Dossiê especial: GT de Semiótica da ANPOLL “Semiótica e vida social”. São Paulo, abril de 2021. p. 13-36. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/181019>. Acesso em: 02 mar. 2021.

MORAES, Letícia. Noção de texto na semiótica: do texto-absoluto ao texto-objeto. **Estudos semióticos**, vol. 16, n. 3, dezembro de 2020, p. 1-19. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/162157/165102>. Acesso em 17 maio de 2021.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. **Semiótica visual**: os percursos do olhar. São Paulo: Contexto, 2004.

Que país é esse? **Istoé**, São Paulo. 22 de mai. 2020. Disponível em: <https://www.vercapas.com.br/edicao/capa/istoe/2020-05-22/>. Acesso em 09 jul. 2020.

TEIXEIRA, Lucia. Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de.; TEIXEIRA, Lucia. **Linguagem na comunicação**: desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: Edição da Letras e Cores, 2009.